

G-12 E SUA NOVA FORMA DE ASCETISMO NEOPENTECOSTAL

Caroline Luz e Silva Dias

Universidade Estadual de Feira de Santana

Mestrando: c.decristo@hotmail.com

GP Protestantismos e Pentecostalismos

INTRODUÇÃO

Até bem pouco tempo a tendência religiosa da maioria dos brasileiros era ser naturalmente batizada na Igreja Católica Apostólica Romana, em decorrência de uma tradição histórica na qual o catolicismo se constituiu enquanto religião oficial do Estado brasileiro até o final do Império. Já no período colonial houve incursões protestantes no País, resultando num desenvolvimento de um protestantismo esporádico e efêmero, porém originário da Reforma. Somente no século XIX o protestantismo fixou-se no Brasil, e aos poucos foi ganhando adeptos, formando congregações de várias denominações, um fenômeno tipicamente americano e brasileiro, afirmando um caráter plural para este protestantismo que já na sua origem na Europa, nasceu diverso. (MENDONÇA, 1984, p.48)

Todavia, é sobretudo, nas três últimas décadas do século XX, que o protestantismo viveu um grande revigoramento. Os pentecostalismos e neopentecostalismos, fazem parte de uma terceira onda protestante no Brasil e estão inseridos num fenômeno maior estudado por muitos pesquisadores atualmente que é o revigoramento do fenômeno religioso nessa sociedade capitalista secularizada.

O pentecostalismo é um movimento religioso mundial que surgiu na matriz protestante no início do século XX. No Brasil este fenômeno chegou ao final da primeira década do mesmo século com a denominação Congregação Cristã do Brasil, posteriormente pela Assembléia de Deus. Este movimento se expandiu nas décadas subseqüentes e se afirmou como a expressão religiosa do protestantismo brasileiro, que mais cresce no campo religioso do País, com o surgimento de inúmeras denominações de mesmo perfil.

O movimento neopentecostal surgiu no final da década de 60, no bojo do antecessor pentecostalismo, que recebeu este nome por fazer uma analogia à descida do Espírito Santo no pentecostes bíblico. O neopentecostalismo faz um diálogo com elementos pentecostais tradicionais, como a emotividade nos cultos, os dons do Espírito Santo, a glossolalia, entre outras que caracterizam o pentecostalismo tradicional que

foram reelaborados pelo diálogo entre estas práticas e a cultura da sociedade capitalista de consumo, trazendo algumas mudanças em relação ao tradicional ascetismo protestante.

Essas transformações que não estão apenas inseridas no campo das doutrinas e diretrizes religiosas, mas sobretudo, visível nas práticas e representações cunhadas por estas denominações, qual sejam, suas características de adaptação de práticas religiosas à sociedade circundante, incluindo reformas de caráter secularizante, comportamental, estético e teológico, para além das características centrais do pentecostalismo, como o êxtase religioso, a prática de cura, o exorcismo, e as já citadas anteriormente. Estas práticas, segundo Mendonça, descaracterizariam a religião reformada que se apoiou, sobretudo, no racionalismo cultural, por isso, Mendonça não considera o pentecostalismo e o neopentecostalismo como formas religiosas protestantes.

A perspectiva deste trabalho é de uma leitura crítica a essa posição de Mendonça, tendo em vista o caráter plural e diverso do protestantismo, mas que guardam características centrais que desde a Reforma Protestante no século XVI até as formas protestantes contemporâneas estão baseadas no sacerdócio universal e no livre exame da Bíblia, as quais fazem parte de um mesmo debate teológico que é a acessibilidade de todos os homens a Deus, tornando desnecessária a mediação sacerdotal entre o religioso e a divindade.

Segundo Mariano:

A expansão do pentecostalismo constitui fenômeno de amplitude mundial, posto que este ramo do cristianismo, formado no início do século na América do Norte, vem crescendo aceleradamente em várias sociedades em desenvolvimento no sul do Pacífico, da África, do leste e sudeste da Ásia. Trata-se de um autêntico processo de globalização ou transnacionalização dessa forma de protestantismo popular. Mas nenhum continente supera a América Latina, o caso mais extraordinário de crescimento pentecostal neste final de milênio. O Brasil se destaca neste contexto. Em números absolutos, figura como o maior País protestante da América Latina, abrigando pouco menos da metade dos cerca de 50 milhões de evangélicos estimados atualmente no continente. (MARIANO, 2005, p.10)

O que se pretende é construir uma análise histórica do perfil neopentecostal das comunidades protestantes que aderiram a metodologia do G-12 e sua dissidência M-12 em Feira de Santana. A problematização de doutrinas, práticas e representações que definem a classificação do grupo como neopentecostal, serão analisadas ressaltando a transformação na forma de conceber e praticar o ascetismo, traçando uma comparação

entre a formulação do ascetismo protestante tradicional e as práticas e representações do G-12 no final do século XX.

No bojo das transformações sócio-políticas e intensificação de práticas religiosas, surgiu o movimento da visão celular do G-12, na década de 1980 na Colômbia, liderado pelos pastores César e Cláudia Castellanos, chegando ao Brasil no final da década de 1990, através dos pastores brasileiros Valnice Milhomens, que atua em São Paulo, fundando a denominação Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo (INSEJEC) e René Terra Nova, o qual liderou comunidades religiosas em Feira de Santana, mas que atualmente pastoreia o Ministério Internacional da Restauração (MIR) em Manaus. Eles foram os principais responsáveis pela implantação e divulgação do G-12 no Brasil. Estes pastores se tornaram discípulos de César e Cláudia Castellanos e principais lideranças nacionais na hierarquia religiosa do movimento, vale ressaltar que existem mais dez discípulos em nível nacional.

Em 2005, René Terra Nova rompeu o discipulado com César Castellanos, dando início ao Modelo dos 12 com o encontro do Mover Celular do Fruto Fiel. Dessa ruptura René Terra Nova deixou sua vinculação simbólica com o G-12 e fundou o M-12, ou modelo dos 12. Este novo modelo se aproxima muito em práticas da antiga referência metodológica colombiana, porém guarda algumas peculiaridades. Uma delas é o Encontro do Mover Celular do Fruto Fiel, um retiro espiritual que objetiva gerar uma membresia fiel às lideranças.

Nesse contexto, vale ressaltar que o G-12 se configura como uma metodologia organizacional de denominações protestantes de perfil neopentecostal, que surgiu na Colômbia com uma reelaboração eficaz do discurso do comportamento protestante ascético em relação aos ramos do protestantismo histórico e o de perfil pentecostal. O objetivo desta comunicação é expor como é tratada esta nova forma de ascetismo protestante que dialoga tanto com o protestantismo histórico, quanto com o pentecostalismo clássico e o seu enfoque será em Feira de Santana.

REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Nessa perspectiva o estudo das práticas e das representações desenvolvido por Roger Chartier se torna de extrema relevância para a pesquisa por possibilitar uma abordagem relacional entre práticas religiosas e a sua vinculação com o poder na sociedade, ou seja, como é que esses grupos que buscam visibilidade social através da intensificação das relações com as instâncias sociais, se relacionam na sociedade circundante uma vez que ser representado na sociedade, através da política, galgando

essa visibilidade, é um dos principais objetivos do G-12, tanto por César Castellanos e discípulos, quanto para Renê Terra Nova.

Além dos conceitos de práticas e representações, a apropriação e reelaboração de discursos que orientam práticas, serão muito relevantes para a análise pretendida, pois além da vinculação entre neopentecostais e sociedade capitalista, não se pode deixar de discutir a ênfase que os grupos protestantes históricos e os pentecostais tradicionais dão às doutrinas ascéticas. Estes conceitos de Roger Chartier serão ferramentas importantes nesse debate para entender a relação que o G-12 estabeleceu entre o estar no mundo e ao mesmo tempo aderir a teologia da prosperidade.

Questões teóricas desenvolvidas por Pierre Bourdieu, conceitos como campo religioso e poder simbólico, também serão relevantes no sentido de tentar auxiliar na descoberta de elementos no jogo da disputa de poder eclesiástico entre os líderes René Terra Nova e César Castellanos, tentar investigar o que é que de fato se disputa, se isso indicou uma reorganização dentro do campo religioso em análise e sua relação com a sociedade feirense. Nesse sentido, Bourdieu contribui por situar estas questões religiosas no campo social, privilegiando as relações do campo religioso com outros campos, são nestes termos que se entende esta nova forma de ascetismo praticada pelo G-12.

Dessa maneira, o estudo desse fenômeno religioso, numa abordagem da História Cultural, múltipla e complexa do protestantismo feirense, ressalta a influência de práticas simbólicas no plano material da vida de parcelas significativas da sociedade em questão que aderiram a essa nova comunidade pentecostal.

As fontes para essa investigação histórica interna são doutrinárias escritas e orais. Entre as fontes doutrinárias estão os livros produzidos pelos líderes do movimento citados. As fontes orais não serão apenas um suplemento, mas terão grande relevância para o desenvolvimento da pesquisa com a realização de entrevistas com os líderes do movimento em Feira de Santana, em São Paulo, em Manaus e na Colômbia para a análise de aspectos práticos dessa religiosidade protestante, que não estejam presentes no material doutrinário.

As fontes de cunho político que são as Atas, Projetos de Lei, Decretos Legislativos, Resoluções do Regimento Interno e os Projetos de Decreto da Câmara Municipal de Feira de Santana, que nos fornece pistas da vinculação entre os líderes do movimento e as representações políticas da cidade. O caso em pesquisa é a distribuição de honorarias da cidade para líderes do G-12. Os títulos de Cidadão feirense e a Comenda Maria Quitéria que já foi outorgado a muitos pastores do G-12, inclusive Renê Terra Nova são honorarias municipais que precisam de uma tramitação política na Câmara de vereadores. Com isso, já se percebe a aproximação entre essas lideranças e as representações políticas na cidade.

EFICÁCIA E REELABORAÇÃO DA ÉTICA ASCÉTICA PROTESTANTE NO FINAL DO SÉCULO XX

“Não ameis o mundo nem as coisas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do pai não está nele; por que tudo que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não procede do Pai, mas procede do mundo. Ora o mundo passa...”(I João 2:15).

O perfil neopentecostal dos que aderiram ao G-12 em Feira de Santana no final do século XX, defendendo o argumento de que os segmentos que aderiram ao G-12 e dissidência M-12, fizeram uma reelaboração da mensagem e da prática religiosa eficaz no que se refere às relações entre o mundo protestante e a vida em sociedade caracterizada pelo estereotipado afastamento do religioso das vivências sociais contemporâneas.

Este afastamento cotidiano entre os grupos protestantes e o desfrutar das transformações pelas quais as sociedades ocidentais vêm passando é uma tradição que vem se desenvolvendo desde a formação das primeiras denominações reformadas no século XVI e XVII que se afirmaram como movimentos contestatórios das práticas religiosas vigentes, sem deixar de dar visibilidade e relevância para suas particularidades referentes a temporalidades e espaços diferenciados.

Marli Geralda Teixeira ao discutir sobre o contexto em que os batistas se instalam na Bahia, ressaltando a mentalidade religiosa e cultural desse grupo protestante, afirma de forma categórica que este distanciamento do grupo que a autora estudou da cultura e religiosidade baianas, era a própria proposta intolerante dos batistas, para se afirmar e consolidar no Brasil como um tipo de religiosidade que não era aceita por um País, onde a sua colonização foi empreendida pela Igreja Católica Romana. Em suas palavras,

Não pode ser esquecido o fato de que a própria ambiência, extremamente eivada de tradições religiosas, responsável pela ligação indelével da cultura baiana ao catolicismo nas suas diversas feições -do ortodoxo ao popular- e às religiões afro-brasileiras, torna-se ainda mais delicado o estudo de uma comunidade religiosa que, desde o seu início, se propôs a contestar e solapar as bases das crenças tradicionais. (TEIXEIRA, 1983,p.14)

Sobre essa discussão do ascetismo protestante, nesse trabalho se entende de extrema relevância o debate que Weber faz da ética ascética intramundana do calvinismo no século XVII. Max Weber ao longo de sua trajetória intelectual se dedicou às discussões sobre Economia política, produzindo textos teórico-metodológicos e de análise muito fincados num diálogo entre história e a economia política do período. Na

obra “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”, o autor discute o forma diferenciada do ascetismo protestante do ramo calvinista no século XVII como um modo peculiar e protestante de se comportar no mundo com racionalidade e controle sobre a vida tanto religiosa, no que diz respeito a uma moral.

A proposição deste trabalho é discutir o G-12 como uma nova forma de ascetismo protestante neopentecostal que dialoga com a sociedade capitalista de consumo à sua maneira, tendo certa referência o debate proposto por Weber.

O termo “G-12”, num sentido político, governo dos 12, é a metodologia que é aplicada nas congregações que aderiram à liderança do pastor colombiano César Castellanos, a qual consiste em formar grupos de doze discípulos para a liderança eclesiástica através das células que são os cultos domésticos. O G-12 teve a sua origem, num fenômeno místico, no qual, na década de 1980 o pastor César Castellanos recebeu uma imagem da parte de Deus, de como seria o seu ministério. Essa “visão” é relevante também por constatar as visões como uma origem mística que atribuiu legitimidade tanto para o nascimento do G-12 quanto para a sua autoridade espiritual e o reconhecimento desta autoridade no meio protestante. Essa legitimidade no exercício da manipulação dos bens sagrados é fundamental para a conformação deste sub-campo religioso, nas palavras de Bourdieu. É este poder simbólico, enquanto uma prática religiosa que legitimou César Castellanos enquanto o líder maior do G-12, além de uma prática pentecostal comum como sonhos, visões, curas e profecias que têm a função de legitimar os outros líderes, dotá-los de um poder simbólico em relação aos outros discípulos, contribuindo para a construção das relações de poder nesse meio. Em suas palavras:

Toda liderança eficaz está associada a uma visão. Esta determina todo o processo para o sucesso. Quando Deus chamou-me para o ministério, permitindo-me sonhar com uma igreja tão numerosa como as estrelas do céu e a areia do mar, mostrou-me que cada partícula de areia transformava-se em uma pessoa; compreendi então, que ele me desafiava a trabalhar em favor das almas, isto é, a liderar pessoas com necessidades espirituais e ajudá-las a encontrar refrigério em Cristo. (CASTELLANOS, 2000, p.18)

Classificar o G-12 enquanto uma metodologia neopentecostal é uma tentativa de compreensão, uma necessidade metodológica que tem algumas finalidades objetivas como situá-lo no tempo e no espaço, definir práticas em linhas gerais e o principal, discutir as práticas dessa metodologia como dialógicas com a contemporaneidade e seus processos culturais. Essa classificação não explica a totalidade da realidade, porém nos oferece alguns subsídios para a compreensão dela.

Nesse sentido, as células administradas pelo Governo dos 12 discípulos é a base das práticas específicas do G-12. O evangelismo se dá nas células, os cultos domésticos, onde uma pessoa convida a outra para que o grupo cresça, usando a

metodologia de Ganhar, Discipular, Consolidar e Enviar. Estes passos não estão expressos como princípios apenas no material doutrinário, mas também na decoração de todos os templos que funcionam com esta metodologia. Outro ponto fundamental é a realização de encontros específicos, que são retiros espirituais, que têm o objetivo de cura física, interior, libertação e aprendizagem da doutrina cristã. Além disso, a montagem e o funcionamento de uma escola de líderes para a preparação dos líderes de célula se constitui como o coração do discipulado, entre outras práticas.

Nas palavras de Renê Terra Nova:

As células estão debaixo de uma administração, que é exercida pelo governo dos 12, que fará com que estejamos seguros, por que é um governo gerado num testemunho de crescimento com doutrina, caráter e, o primordial, a santidade. Isso forjará em você um líder de excelência. (TERRA NOVA, 2003, p.21)

Diante dessa afirmativa é evidente que as células não são apenas a realização de um culto em casa, ela é administrada pelo G-12 local, desde a mensagem religiosa que é feita pelo pastor local, que recebe relatórios dos seus liderados com as informações de como foi a reunião, o número de pessoas, o número de conversões, o número de pessoas para o encontro, número de pessoas na escola de líderes, quantidade de oferta e a previsão de abrir mais células, a multiplicação, que é celebrada num evento festivo, onde são legitimados os novos líderes de células.

Na revista oficial do G-12, um dos doze discípulos nacionais de César Castellanos, o apóstolo Márcio Valadão que atua na Igreja Batista da Lagoinha em Belo Horizonte - MG, escreveu uma matéria onde as células são enfocadas como uma estratégia religiosa importante para o crescimento de igrejas na sociedade do século XXI. As formas de sociabilidade que são construídas na célula favorecem ao fortalecimento de laços de amizade entre os participantes, podendo terminar muitas vezes em conversão e com isso multiplicação. Os pedidos de oração, também são fundamentais para esta estratégia, por que é através deles que as necessidades de cada pessoa são contempladas e compartilhadas com o grupo. Em suas palavras:

A célula é um agente de cura para as pessoas e cura em todas as áreas..., a célula é um agente de amor, aceitação e perdão...através da célula uma pessoa pode curar todas as carências que a fazia temer a sua própria vida, ...a célula é um agente de acompanhamento de todos os membros da igreja..., a célula é um agente de multiplicação na igreja. Lá a igreja não cresce apenas pelas pessoas que vem e fazem a sua decisão no altar por que no interior de cada célula temos implantado uma estratégia...a célula é uma agente de diferenciação...em meio à confusão que se desenrola, em nossa sociedade, onde tudo se realiza contrariamente ao homem, aparece célula como grupo de distinção e as pessoas de hoje estão sofrendo de uma forma ou outra a enfermidade oficial do mundo que se chama estresse, depressão e ansiedade. E nas reuniões dos lares o Espírito Santo dá novas forças.(VALADÃO, 2002, p.21)

Nessa perspectiva, o apóstolo Marcio Valadão concebe que a célula é uma estratégia eficaz para o crescimento de igrejas evangélicas na sociedade atual, por que

através dos cultos domésticos são rompidas as barreiras simbólicas, religiosas e culturais de diferença de credo simbolizada pelo templo protestante. Diferença essa que tem o significado de separação e distanciamento que se dá não de templo para templo, mas de indivíduo para indivíduo. Os protestantes desde o seu surgimento foram estereotipados como pessoas que tem religião, vestimenta e comportamento diferente da sociedade, quem na sociedade brasileira quem quer se distinguir nestes termos, isolando-se do mundo?

Por isso o culto doméstico se revela como uma eficaz reelaboração de discurso e de prática ao flexibilizar esta forma de ascese que é um dos elementos que mais se destaca nas formas dos protestantismos sejam eles histórico, pentecostal ou neopentecostal. Nessa perspectiva, é indelével que as denominações neopentecostais são as que mais crescem no meio protestante em todo o mundo, dando destaque para as igrejas organizadas em células. Construir laços de amizade com as pessoas que estão fora da religiosidade protestante, aproxima essas pessoas não apenas dos indivíduos, como também do templo protestante.

Então, integrar-se na comunidade e não separar-se dela é a estratégia do G-12, um tipo de ascetismo diferente, onde a máxima “trabalho dentro da vocação” é levada às últimas conseqüências. Aqui todos são agentes religiosos, agentes sociais e agentes políticos por desenvolverem um trabalho organizado e administrado tanto na vida secular, quanto na vida religiosa. Sair do mundo de pecados não é mais a concepção que norteia essas práticas, mas trazer a comunidade para dentro da igreja, um lugar do *status gratiae*, com uma intensa atividade proselitista.

Essas denominações por dialogar com multidões e multiculturalismos rompeu com estereótipos fixos que caracterizaram os protestantes de uma forma unificada. O movimento neopentecostal trouxe transformações diversas nos segmentos protestantes, onde mediante observação não se consegue perceber um padrão de vestimenta, de comportamento, de perfil social ou de atividades lúdicas.

O conceito de salvação ainda é caro para o cristianismo e não podia ser diferente nessa reelaboração do G-12, uma entrevista com a representante do G-12 no Brasil sobre a separação dessas denominações com o mundo e de como eles entendiam o seu relacionamento com a sociedade e a cultura, Gladez de Varón respondeu,

Não. A igreja tradicional faz essa separação. Por isso a igreja não cresceu, por que as pessoas começaram a ver, olha... lá estão os evangélicos que estão com a Bíblia e as pessoas tinham um conceito errado dessas pessoas. Por exemplo, eu conheço Cristo faz trinta e quatro anos, e quando eu conheci Cristo eu não me sentia bem, eu me sentia como apartada, digamos assim, o mundo não era para mim. Eu não poderia

estar no mundo enquanto pecado, o pecado não, porém, enquanto as coisas do mundo o que se move a tecnologia sim, por que realmente a formação do caráter vai mais além do que a formação espiritual, emocional da pessoa, vai mais além por exemplo, nós motivamos muito para que as pessoas estudem, e não sejam pessoas que por serem cristãos você não precisa...(VARÓN, São Paulo, 27/12/2007)

O que se pode inferir da entrevista é que o conceito de pecado e com isso de salvação não foi mudado, o que mudou foi a relação do crente com o mundo, usufruir das coisas do mundo não é mais pecado, a própria informante fala que no período em que ela estava numa igreja tradicional ela se sentia separada do mundo enquanto que com o G-12 ela ampliou essa concepção que em grande medida se adequou mais às sociedades multiculturais ocidentais do que as igrejas tradicionais. A própria informante entende que foi por esse motivo que estas denominações não cresceram e ao fazer uma avaliação do G-12, considerou que a metodologia colombiana fez essas denominações crescerem por interferir em todos os aspectos da vida do fiel.

Fazendo um balanço sobre a situação do G-12 em Feira de Santana no período recortado, nota-se que os anos 2000 e 2002, correspondem a fase de implantação dessa metodologia nas congregações, havendo uma grande adesão das denominações batistas mais renovadas, quadrangulares e independentes. Os livros de membros dessas denominações indicam um crescimento de pelo menos 200% nesse período, o que representa que igrejas que eram pequenas passaram a ter médio e grande porte no campo religioso feirense.

Porém esta implantação não ocorreu sem choques religiosos, doutrinários e teológicos nas práticas e representações dessas denominações protestantes. Denominações tradicionais como a Assembléia de Deus e Batista desencadearam um processo de discussão e condenação a algumas práticas do G-12 como a realização dos encontros e uma diversidade de outros pontos. Isso levou muitos líderes a desligarem-se das respectivas convenções, contribuindo para aumentar a diversidade dos grupos protestantes em Feira de Santana.

Após a ruptura entre os líderes René Terra Nova e César Castellanos, ocorrida em março de 2005, houve um esfriamento do G-12 na cidade onde as congregações que implantaram a metodologia, abandonaram o governo dos 12, embora muitas práticas permanecessem no cotidiano religioso desses fiéis. Apenas aqueles que continuaram com René Terra Nova e sua dissidência M-12 lograram sucesso na continuidade dessas metodologias eclesiais contemporâneas que tem o principal objetivo de formar lideranças. Nessa perspectiva, Feira de Santana é uma cidade

emblemática para estes grupos neopentecostais, pois a trajetória do M-12 tem uma vinculação direta com o reconhecimento religioso de René Terra Nova na cidade, o que contribuiu para a construção de imagens sobre ele no meio evangélico feirense.

CONCLUSÕES PRELIMINARES

Os novos movimentos religiosos de lastro cristão apresentam facetas diferentes em relação ao protestantismo histórico, pois são iniciativas religiosas que realizam um diálogo com a realidade cultural do mundo contemporâneo. Lidar com desejos, dificuldades, incertezas, ou seja, operações do cotidiano das pessoas, tornou essencial para a sobrevivência desse viés do protestantismo contemporâneo, o que vislumbrou uma ruptura com a racionalidade do protestantismo histórico, dando lugar a práticas menos racionais, como experiências místicas, sonhos, visões, profecias que logram sucesso no manejo do cotidiano dos fiéis nos grupos neopentecostais.

É possível discutir esta nova forma de ascetismo no G-12 sob diversos aspectos, desde as suas doutrinas, práticas e representações, a participação das mulheres que é uma outra ruptura em relação às práticas tradicionais dos grupos protestantes, até a aproximação com a política e a Teologia da Prosperidade.

Nessa perspectiva, o G-12, tanto quanto o ascetismo ético calvinista, guardam certas aproximações. Em que pese os processos históricos diferenciados espaço/temporalmente que não foram discutidos com o rigor necessário, é marcante a peculiaridade dessas formas de ascese. Estar separado do mundo, do pecado e com isso, obter a certeza da salvação, são doutrinas que foram reelaboradas por suas diretrizes teóricas de modo a integrar estes sujeitos de alguma forma no tipo de desenvolvimento da sociedade que os estranhava pela sua diferença. Diálogo este que pode-se afirmar a eficácia que tiveram no seu tempo e em sua sociedade pela expansão das idéias, da comunidade e da visibilidade que estes grupos protestantes conseguiram e na contemporaneidade tem vivido.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Rubem. *Protestantismo e Repressão*. São Paulo, editora Ática, 1979.

AZZI, Riolando. *O catolicismo popular no Brasil*. Petrópolis. Editora Vozes, 1978.

AZEVEDO, Thales de. *Igreja e Estado em Tensão e Crise*. São Paulo: Editora Ática, 1978.

BARROS, José D'assunção. *O campo da história: especialidades abordagens*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

BEOZZO, José Oscar. *História da Igreja no Brasil*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1980.

BOURDIER, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Editora perspectiva, 1979.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas*. Campinas: Papirus, 1996.

BOUTIER, Jean & JULIA, Dominique. *Passados Recompostos: Campos e canteiros da História*. Rio de Janeiro/ Editora UFRJ, Editora FGV, 1998.

BURKE, Peter (org). *Variiedades de História Cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CAIRE-JABINET, Marie-Paule. *Introdução a historiografia*. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (org.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARDOSO, Ciro Flamarion e MALERBA, Jurandir (org.). *Representações: contribuição a um debate transdisciplinar*. Campinas: Papirus, 2000.

CAVALCANTI, H. B. *O projeto missionário Protestante no Brasil do século XIX: comparando a experiência presbiteriana e Batista*. Revista de religiões da Puc, 1998.

CHARTIER, Roger. *A história Cultural: Entre práticas e Representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.

ENGELS, Friedrich. *As Guerras Camponesas na Alemanha*. São Paulo: Editora Grijalbo, 1977.

FILORAMO, Giovanni e PRANDI, Carlo. *As ciências das religiões*. São Paulo: Paulus, 1999.

GADAMER, Hans-Georg. *O Problema da Consciência Histórica*. Rio de Janeiro, Ed Fundação Getúlio Vargas, 1998.

GINZBURG, Carlo. *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

HAHN, Carl Joseph. *História do culto protestante no Brasil*. São Paulo: ASTEC, 1989

HOBSBAWN, Eric J. *Sobre história*. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

HOERNAERT, Eduardo. *O Cristianismo Moderno do Brasil*. Petrópolis. Editora Vozes, 1991.

HOUTART, François. *Religião e Modos de Produção pré-capitalistas*. São Paulo: Editora Ática, 1994.

MARTELLI, Stefano. *A Religião na sociedade pós-moderna*. São Paulo: Paulinas, 1995.

MENDONÇA, Antônio Gouveia. *O Celeste Porvir: A inserção protestante no Brasil*. São Paulo, 1984.

NOVAIS, Regina Reyes. *Os Escolhidos de Deus: pentecostais, trabalhadores e cidadania*. São Paulo: Editora Marco Zero, 1985.

OLIVEIRA, Pedro Ribeiro. *Religião e Dominação de classe*. Petrópolis: Vozes, 1985.

PORTELLI, Ruges. *Gramsci e a Questão religiosa*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1984.

REILY, Duncan. *História documental do Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Pioneira, 1983.

ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostais no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1985.

SILVA, Elizete da. *Cidadãos de outra pátria: Anglicanos e Batistas na Bahia*. São Paulo, 1998.

SILVA, Elizete da. *Protestantismo Ecumênico e a Realidade Brasileira*. Feira de Santana, 2007.

TEIXEIRA, Marli Geralda. “...Nós os Batistas” *Um estudo de História das Mentalidades*. São Paulo, 1983.

WEBER, Max. *A ética protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1967.

